

RESSIGNIFICANDO O USO DO LIVRO DIDÁTICO ENQUANTO RECURSO POTENCIALIZADOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Mariluci de Souza Farias Brandão¹

Suely Norberto²

Josemeire do Nascimento Ferreira³

Eixo temático: 9 – Alfabetização e as condições materiais e pessoais de ensinar em contextos diversos

Resumo: Este artigo é resultado de uma reflexão sobre a prática pedagógica realizada a partir do livro didático do PNLD - Programa Nacional do Livro Didático em turma de alfabetização, especificamente do 1º ano. A prática pedagógica, aqui relatada, apresenta o livro didático enquanto um recurso importante a ser utilizado e ressignificado pelo professor. A concepção de alfabetização que embasa a prática pedagógica e fundamenta este artigo é de alfabetização na perspectiva do letramento defendida por Magda Soares em que o texto é ponto de partida para todas as aprendizagens sobre a língua escrita. Enfim, com o auxílio do livro didático é possível construir uma prática pedagógica para alfabetização que possibilita a apropriação da língua escrita de forma significativa.

Palavras-chaves: Livro didático; Alfabetização; Prática pedagógica.

Introdução

Neste texto faremos uma reflexão sobre a utilização do livro didático em turmas de alfabetização. Apresentaremos a prática pedagógica desenvolvida, por meio de um relato de experiência, tendo como referência a ressignificação do uso do livro didático enquanto um recurso potencializador da alfabetização. O livro didático faz parte do Programa Nacional do Livro Didático do governo federal, via MEC (Ministério da Educação) e FNDE (Fundo Nacional

¹Especialista, professora da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Cuiabá. Contato: marilucisbrandao@gmail.com

² Mestra, professora da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Cuiabá. Contato: suelynorberto1@gmail.com

³Mestranda em Educação pela UFMT/PPGE, professora da Educação Básica do Estado de Mato Grosso e do Município de Cuiabá. Contato: profjosemeire@gmail.com

de Desenvolvimento da Educação), sendo distribuídos nas escolas para uso durante um ciclo de 3 anos e, posteriormente substituído por uma nova coleção.

O livro didático se caracteriza como a democratização do acesso dos alunos aos materiais didáticos, sendo assim, é muito importante que os livros didáticos sejam incorporados à prática pedagógica do professor. Considerando também que, nos últimos anos, eles têm apresentado maior qualidade tendo como ponto de análise os conhecimentos produzidos sobre alfabetização.

Aqui faremos um relato de prática de uso do livro didático em turma de alfabetização, buscando refletir sobre o uso ressignificado deste recurso. A partir do relato de prática discutiremos algumas concepções que embasam a prática da alfabetização como: letramento, ação pedagógica organizada de forma sistemática e sequenciada e também apresentaremos uma reflexão sobre o PNLD - Programa Nacional do Livro Didático.

2 Fundamentação teórica

2.1 Conhecendo a prática pedagógica

Este relato é referente à prática pedagógica realizada em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, a partir do ano de 2012. O ano referenciado data o início da vivência na formação de alfabetização Pró Letramento (MEC) e nos anos posteriores sucedida pela formação do PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que possibilitaram reflexão sobre o processo de alfabetização. Mesmo antes de participar das formações referenciadas, acima, já conseguia resultados satisfatórios nas turmas de alfabetização, as formações vieram para fundamentar e ressignificar a ação didática.

Em minha ação docente sempre valorizei o uso do livro didático e também o trabalho com gêneros textuais, no entanto, com frequência ouvia relatos muito desfavoráveis em relação ao uso do livro didático. Minha ação consistia em analisar os livros didáticos em relação à abordagem deles sobre os gêneros textuais e organizar minha prática pedagógica tendo-os como base.

Apesar das lacunas, é importante não esquecermos que os novos livros didáticos são de boa qualidade, além de serem distribuídos para cada aluno, o que facilita o desenvolvimento das atividades no dia-a-dia da sala de aula. É preciso, portanto, saber como usá-los, para garantir que os alunos se alfabetizem em uma perspectiva de letramento. Nesta proposta, ao mesmo tempo em que vão dominando o SEA eles vão se apropriando de conhecimentos sobre os mais diversos gêneros textuais escritos, vão aprendendo suas características, finalidades, lugares onde circulam, etc. (BRASIL, SEB/MEC, ano 01, unidade 03, 2012, p.28-a).

Eu mapeava os gêneros textuais abordados no livro e organizava a ação

didática para o decorrer do bimestre. Ao definir o gênero a ser trabalhado, antes de partir para registro e exploração no livro didático era solicitado do aluno que fizesse pesquisa acerca do gênero em estudo (pesquisando seus contextos de produção e circulação), depois eles eram lidos e analisados em sala de aula, de forma coletiva. Junto com os alunos escolhíamos os textos a serem escritos em cartazes.

Com o texto em cartaz muitas atividades de exploração dele eram realizadas com intuito de desenvolver a compreensão da leitura, reflexão linguística e produção de texto. Foram realizadas as seguintes análises: a princípio o reconhecimento das características do gênero; interpretação do texto identificando a temática e assunto; a partir da compreensão do texto os alunos faziam a ilustração no cartaz; na sequência fazíamos a análise linguística com demarcação da segmentação do texto, reconhecimento de algumas frases; palavras; pontuação; análise de sílaba inicial, medial e final e outras reflexões linguísticas possíveis de acordo com o gênero trabalhado.

Os cartazes ficavam expostos na sala de aula, por algum tempo, para que os alunos pudessem retornar a ele sempre que fosse preciso, como forma de pesquisa e cotidianamente era lido e analisado. Na sequência eram realizadas atividades propostas no livro didático, como forma de sistematização e registro dos conhecimentos construídos, “[...] é importante que o professor se beneficie na sua prática das atividades do livro didático, sabendo que ele não é o único material de apoio para a organização do trabalho pedagógico” (BRASIL,SEB/MEC, Ano 01, unidade 03, 2012, p.29-a).

As propostas do livro didático eram ponto de partida para elaboração de sequências didáticas cujo foco era a produção de texto. A produção de texto acontecia em diferentes momentos e com diferentes aprofundamentos. Na estruturação da sequência a primeira produção era a título de levantamento de conhecimentos prévios, depois como forma de aprofundamento e ao final como resultado da aprendizagem, sempre tendo como reflexão um gênero específico.

Outra possibilidade de potencializar a aprendizagem a partir do uso do livro didático era utilizar os jogos sugeridos como forma de exploração dos conteúdos e, também os encartes presentes no livro didático, em especial as letras móveis:

As atividades de montar e desmontar palavras com o alfabeto móvel, com letras feitas de papel, de plástico ou de madeira, permitem ao aprendiz vivenciar, de modo bastante rico, uma série de decisões sobre como escrever. (BRASIL,SEB/MEC, Ano 01, unidade 03, 2012, p.32-a).

Assim, o livro didático abordava e aborda os conhecimentos necessários à alfabetização na perspectiva do letramento, se caracterizando um recurso potencializador da aprendizagem e que democratiza o acesso dos alunos.

2.2 Política Nacional do Livro Didático

O livro didático é um recurso pedagógico que, quando inserido no planejamento e, o seu uso realizado com objetividade e adequações é um relevante instrumento de aprendizagem e, em muitas salas de aula é o ponto de partida para o trabalho pedagógico.

Enquanto política pública desde 1929 quando foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) a proposta vem passando por diversas mudanças como controle de qualidade, avaliação pedagógica e conformidade com as concepções de educação de cada período assim como a história da educação no país, marcadas numa linha de tempo desde as cartilhas até os livros mais indicados e propício para a atual demanda educacional.

O Plano Nacional do Livro Didático PNLD é uma política pública do MEC, um programa que distribui livros didáticos a todos os estudantes de escolas públicas da Educação Básica. A escolha acontece por meio de consulta ao guia com orientações gerais e resenhas das obras aprovadas, sendo consumível para as turmas do 1º ao 5º ano e de 4 em 4 anos para o 6º ao 9º ano.

Na fase de alfabetização nas atividades de leitura, escrita e produção de texto, os livros didáticos dão suporte aos variados portadores de texto, cabe ao alfabetizador (a) ir além no desenvolvimento com boas e organizadas sequências didáticas, que proporcione as formas convencionais de comunicação escrita, assim como o estudante vivencia na sociedade letrada, para que percebam a real função social da escrita através de um instrumento acessível que faz parte de um plano nacional e que depende da boa organização e planejamento em conformidade com novas práticas educativas de alfabetizar e letrar.

Nesse contexto, o livro didático é um ponto de reflexão para ação educativa, desde a escolha e principalmente a rotina nas salas de alfabetização, nas quais o planejamento é imprescindível, tendo em vista as complementações, sequências e gerenciamento do tempo e das atividades.

No que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental o Programa Nacional do Livro Didático dispõe das chamadas “Obras complementares” que são acervos direcionados aos estudantes do 1º ao 3º ano, cujo objetivo é implementar o ciclo de alfabetização e nos últimos anos a qualidade dos livros literários obteve melhora significativa; com isso a possibilidade de formação de leitores e escritores também teve uma otimização e vem ao encontro dos objetivos e direitos de aprendizagem proposta pela Base Nacional Comum Curricular/BNCC, Plano Nacional de Educação/PNE (de 2014 a 2024), e principalmente com as diferentes realidades dos estudantes com relação à leitura e a escrita como forma de autonomia na aprendizagem e para a cidadania.

2.3 Prática pedagógica delineada a partir de uma sequência de trabalho com textos

A prática de alfabetizar com base em textos, desde meados da década de 80 vem corroborando com uma aprendizagem significativa e como suporte pedagógico para alfabetizar letrando. As pesquisas em linguística, psicolinguística e outras áreas afins concordam quanto ao sentido de construção que o texto proporciona na aprendizagem de toda a totalidade da linguagem.

Franchi (2012) remete sobre a importância da contextualização do texto e não apenas a apresentação deste recurso como “pretexto”, como uma tendência pedagógica que necessita sair da teorização e materializar no cotidiano como suporte e sentido da leitura e da escrita.

Nas mesma direção Cagliari (1999) ressalta sobre a necessidade da escola fazer uso da linguagem e por excelência os textos como na vida real, que as palavras não são pronunciadas de forma isoladas e produzem textos espontaneamente sem a preocupação do certo e do errado e sim com a comunicação com a seu interlocutor.

Pensar na gama de sentido que o texto desencadeia é uma proposta indispensável nas aulas de linguagem, principalmente para o ambiente alfabetizador.

Quando entram na escola, as crianças lidam com a linguagem como qualquer falante nativo. Para elas, a linguagem é um texto que se diz ou que se ouve, um texto dito por uma pessoa ou elaborado com a participação de várias pessoas. Pensar a linguagem como sendo composta de unidades bem delimitadas e com valores bem definidos é algo que se consegue somente depois de muitos anos de estudos. (CAGLIARI, 1999, p. 200).

Nesse sentido os instrumentos da ação alfabetizadora, incluindo o livro didático devem possibilitar aos estudantes o contato com textos reais e diversificados, e que os mesmos possibilitem aos alfabetizandos a compreensão do sentido da linguagem da escola com a sociedade letrada, com o seu entorno e com a própria vida.

A produção de textos demarca a superação de práticas oriundas dos métodos silábicos que muitas vezes se encontram camufladas em diversas metodologias consideradas inovadoras, porém com os resquícios de uma alfabetização que enfoca somente as partes menores da língua.

O desenvolvimento das atividades partindo de textos com uma sequenciação devidamente planejada possibilitam a aprendizagem das diversas práticas da linguagem articuladas com o texto em uma única temática.

A proposta de alfabetizar pela modalidade da sequência didática contempla as práticas da linguagem, assim como as demais áreas de conhecimento, como reforçado no caderno do professor alfabetizador do PNAIC (2012):

Tem se assim, um trabalho pedagógico organizado de forma sequencial estruturado pelo professor para um determinado tempo, trabalhando -se com conteúdos relacionados a um mesmo tempo, a um gênero textual específico, uma brincadeira ou uma forma de expressão artística. Em síntese, a sequência didática consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem. (BRASIL, SEB/MEC,ano 01, unidade 06, 2012, p. 27-b)

No que se refere a diversidade textual, a sequência didática permite ao alfabetizando a compreensão da função da escrita e a adequação em várias situações de comunicação. O caderno de estudos do PNAIC (BRASIL, SEB/MEC, ano 01, unidade 06, 2012, p. 27-b) apud Schneuwly, Dolz e colaboradores “consideram que uma sequência didática tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto levando-o a escrever ou falar de forma mais adequada numa situação de comunicação”.

Nesse sentido, o ato de alfabetizar perpassa pela prática pedagógica do letramento, que visa o uso da linguagem na sua totalidade e função social decorrentes das facetas linguística, interativa e sociocultural, assim como a dimensão dos objetos de conhecimento como afirma Soares:

A aprendizagem inicial da língua escrita é um fenômeno extremamente complexo: envolve duas funções da língua escrita - ler e escrever que se igualam em em alguns aspectos, diferenciam-se em outros; é composto de várias facetas de um mesmo objeto. (SOARES, 2016, p.32).

Nesse contexto, o conceito de alfabetizar letrando mesmo que distintos se completam e, as diversas situações de aprendizagem nessa perspectiva se consolidam no mesmo objeto de conhecimento e como proposta nas salas de alfabetização deve significar a aprendizagem de um ser que aprende e que tenha acesso ativamente da sociedade letrada.

3 Resultados e Discussão

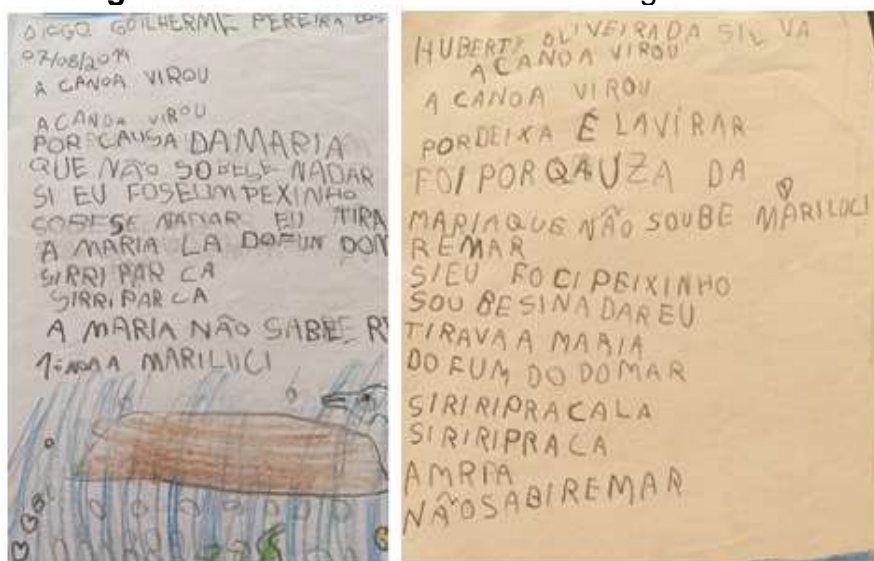
Utilizar o livro didático, enquanto recurso pedagógico, em turmas de alfabetização contribui de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita. Na maioria dos livros didáticos, os conhecimentos são organizados didaticamente numa lógica de alfabetização na perspectiva do letramento. Sua organização contempla seções que perpassam pela leitura compreensiva e análise do gênero textual, análise linguística a partir de elementos do texto e produção textual do gênero em questão, considerando tanto a modalidade oral quanto escrita da língua.

Outro elemento muito importante do livro didático e que, nem sempre, é apropriado pelo professor é a parte que traz informações e orientações didáticas. A partir dessas

orientações, que são todas fundamentadas teoricamente, o professor consegue estruturar melhor sua ação didática no sentido de explorar todo o potencial do livro.

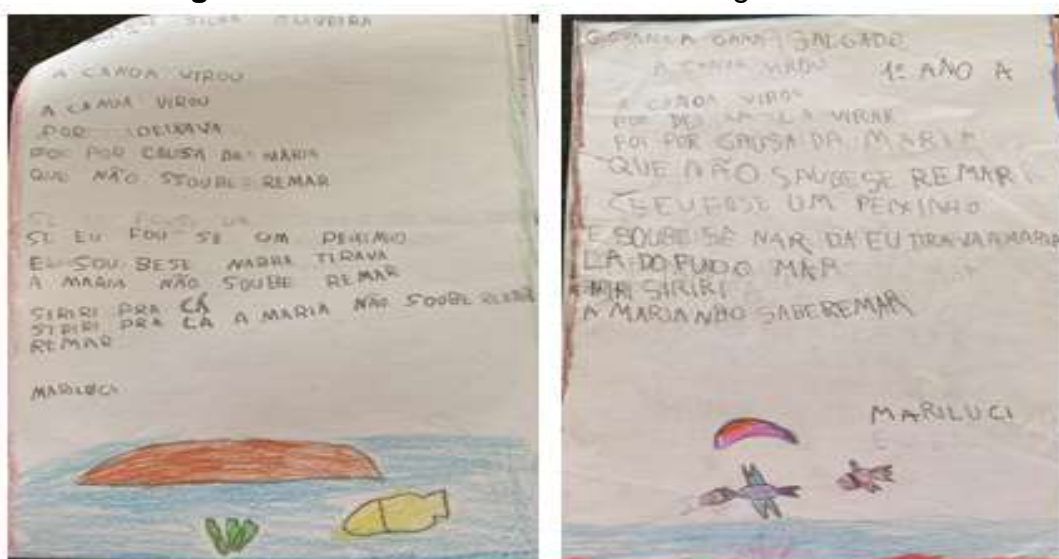
A partir das formações vivenciadas que ajudaram a aprimorar e fundamentar o olhar sobre o processo de alfabetização, consegui aguçar minha análise sobre o livro didático e também aprimorar minha prática pedagógica. Desse modo, os resultados de aprendizagem em minha turma se tornaram muito significativos, com grande maioria dos alunos encerrando o ano letivo com processo de leitura e escrita em andamento, como demonstra os textos abaixo, produzidos pelos alunos.

Figura 1: Atividade de reescrita da cantiga “A canoa virou”.



Fonte: Acervo da professora Mariluci

Figura 2: Atividade de reescrita da cantiga “A canoa virou”.



Fonte: Acervo da professora Mariluci

Os resultados de aprendizagem foram bastante significativos, acredito que isso se deva a sequência didática na organização das estratégias metodológicas, a valorização da leitura literária e demais gêneros textuais, diariamente, a utilização do livro didático de acordo com os objetivos do planejamento buscando a apropriação do sistema de escrita alfabética e acima da construção de leitores e produtores de textos.

4 Considerações Finais

O que fica demarcado na reflexão realizada neste artigo é da importância de valorizarmos o livro didático enquanto um recurso pedagógico de qualidade e potencializador do processo de alfabetização.

Não é o material que alfabetiza, mas sim o professor na relação que estabelece com os materiais que utiliza, com o conhecimento presente nestes materiais e na relação com o aluno.

Cabe ao professor um olhar crítico acerca do livro didático, reconhecendo sua lógica de organização, suas potencialidades e suas fragilidades para que possa desenvolver estratégias que considerem o livro didático um material que apoie sua prática pedagógica juntamente com outros materiais e estratégias didáticas.

Assim, consideramos que o livro didático não é o único recurso que o professor utiliza, mas é um recurso imprescindível pela sua qualidade e também pelo seu caráter democratizador.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, MEC. **PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1, unidade 3.** Brasília: MEC, SEB, 2012. (a)

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, MEC. **PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento - projetos didáticos e sequência didáticas: ano 1, unidade 6.** Brasília: MEC, SEB, 2012. (b)

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba be bi bo bu.** Scipione, São Paulo, 1999.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar Letrando: da oralidade à escrita.**São Paulo, Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização: A questão dos métodos**. Editora Contexto, São Paulo, 2016. (a)

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Editora Contexto, 2016. (b)